

Vestígios de uma Missão: presenças, vazios e memórias¹

Remnants of a Mission: Presences, Absences, and Memories

Vestigios de una Misión: presencias, vacíos y memorias

Bruno de Oliveira da Silva

Universidade do Vale do Itajaí

E-mail: portalbruno.oliveira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-0689>

RESUMO

A intensa troca de experiências entre padres jesuítas e indígenas guaranis durante a existência das missões na Província Jesuítica do Paraguai (1609-1767) gerou manifestações culturais singulares que mesclaram a tradição europeia com expressões nativas. Neste ensaio visual, apresento construções que buscam ilustrar presenças, vazios e memórias enraizadas na antiga Missão de São João Batista. Por meio de um itinerário vivencial e poético, destaco dados, personagens, anotações e descrevo o processo de captura das obras durante minhas expedições fotográficas, realizadas entre os anos de 2018 e 2023, no atual sítio histórico para compor os resultados de minha tese de doutorado.

Palavras-chave: *ensaio visual; fotografia artística; memórias; sítio histórico; Missões Jesuíticas Guaranis.*

ABSTRACT

The intense exchange of experiences between Jesuit priests and Guarani indigenous people during the existence of the Missions in the Jesuit Province of Paraguay (1609-1767) generated unique cultural manifestations that blended European tradition with native expressions. In this visual essay, I present constructions that aim to illustrate presences, absences, and memories rooted in the ancient Mission of São João Batista. Through an experiential and poetic itinerary, I highlight data, characters, notes, and describe the process of capturing the works during my photographic expeditions, conducted between

SILVA, Bruno de Oliveira da. Vestígios de uma Missão: presenças, vazios e memórias.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 14, n. 32, set.-dez. 2024

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2024.52170> >

the years 2018 and 2023 at the current historic site to compose the results of my doctoral thesis.

Keywords: *visual essay; artistic photography; memoirs; historical site; Jesuit Guaraní Missions.*

RESUMEN

El intenso intercambio de experiencias entre los padres jesuitas e indígenas guaraníes durante la existencia de las Misiones en la Provincia Jesuítica del Paraguay (1609-1767) generó manifestaciones culturales singulares que fusionaron la tradición europea con expresiones nativas. En este ensayo visual, presento construcciones que buscan ilustrar presencias, vacíos y memorias arraigadas en la antigua Misión de San Juan Bautista. A través de un itinerario vivencial y poético, resalto datos, personajes, anotaciones y describo el proceso de captura de las obras durante mis expediciones fotográficas, llevadas a cabo entre los años 2018 y 2023 en el actual sitio histórico para componer los resultados de mi tesis doctoral.

Palabras clave: *ensayo visual; fotografía artística; memorias; sitio histórico; Misiones Jesuíticas Guaraníes.*

Data de submissão: 13/04/2024

Data de aprovação: 29/07/2024

Caracterização espacial e histórica

Paralelamente ao contexto das explorações, invasões e conquistas territoriais no continente americano durante os séculos XVII e XVIII, está o capítulo das Missões Jesuíticas. A Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola e outros jovens estudantes da Universidade de Paris, desempenhou um papel crucial na Contrarreforma Católica, mobilizando seus membros como “soldados de Cristo”. Os *jesuítas*, como ficaram conhecidos, foram utilizados pela Igreja Católica e pelas Coroas Ibéricas no processo de colonização da América (Fausto, 2019), especialmente com o objetivo de converter os habitantes nativos.

Entretanto, as Coroas Ibéricas enfrentaram conflitos sobre a demarcação desses novos territórios, já que o Tratado de Tordesilhas de 1494 criava zonas de influência vagas e abertas a interpretações, especialmente na área do rio da Prata. Esta região, predominantemente habitada por indígenas

guaranis, foi negligenciada pela Coroa Espanhola. Quando os jesuítas chegaram ali em 1586 (Lugon, 1977), confrontaram-se com a prática da *encomienda*, que consistia na exploração da mão de obra indígena pelos colonos, sendo, na verdade, um processo de escravização (Quevedo, 2000). Diante dos abusos, os membros da companhia opuseram-se a essa atividade.

Nesse contexto permeado por caos, insegurança e violência, os nativos americanos enfrentaram mudanças radicais. Muitas tribos opuseram-se aos invasores, mas as circunstâncias adversas dos ataques liderados por bandeirantes paulistas instigaram uma improvável aliança entre jesuítas e povos da Nação dos Guaranis. Essa conjuntura resultou na formação de *missões*, aldeamentos, locais onde esses *novos cristãos* estariam protegidos, livres da prática escravista e de outros abusos do colonialismo (Schallenberger, 2016). Esse modelo organizacional, embora distinto, provocou alterações na matriz cultural guarani e acabou por gerar “fenômenos de transferência e de transculturação” (Gutiérrez, 2013, p. 104), impactando tanto os indígenas quanto os jesuítas.

Assim, entre perdas e ganhos, a Província Jesuítica do Paraguai (que abrangia territórios dos atuais Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Chile) foi instituída em 1607 (Jackson; Camacho, 2021) e, ao longo de aproximadamente 150 anos, proporcionou a edificação de 30 cidades que floresceram em diversos aspectos (perceba a dimensão de uma cidade da Província na Fig. 1), como artístico, cultural, linguístico, econômico, político, social e intelectual, e resultaram em manifestações culturais singulares como o Barroco Missioneiro, que mescla o Barroco europeu com características indígenas e da fauna e flora locais.

Ao anteceder a compreensão moderna sobre a noção de identidade, os jesuítas registraram na história seus entendimentos acerca da língua como um importante atributo constituinte da cultura. Para Bourdieu (2005, p. 112), identidades regionais ou étnicas são compostas por critérios como representações mentais, dentre elas a “língua, o dialeto ou o sotaque”, e representações objetivas, relacionadas a “emblemas, bandeiras, insígnias, etc.”. Notavelmente, com a experiência missional, os indígenas foram despojados de vários atributos constituintes de sua cultura original, como suas crenças, mas muitos foram preservados pelos missionários, como o próprio idioma guarani, que foi escrito e considerado oficial nas reduções.

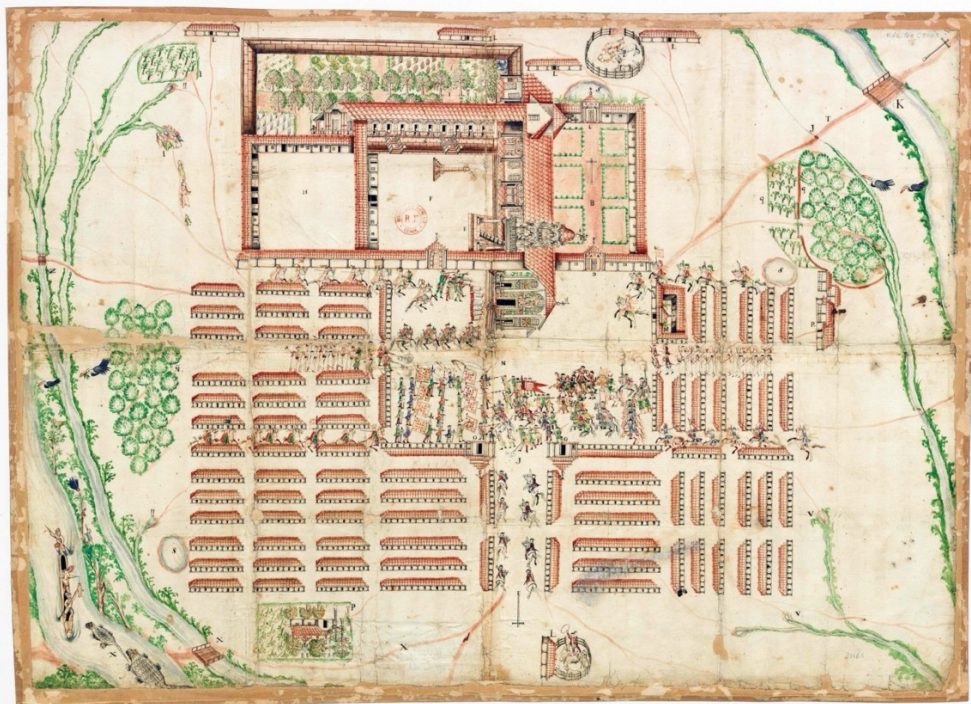


Figura 1. Plano urbano da Missão de São João Batista. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, 1756.

Isso marca o “ponto de dissidência mais importante para com as ordens do rei” (Gutiérrez, 2013, p. 106), que exigia a inserção do idioma espanhol durante toda a formação dos neófitos. Este ato de ignorar o rei resultou na perpetuação e no consecutivo reconhecimento atual do guarani como uma das línguas oficiais no Paraguai. Outros exemplos destacam a ação dos jesuítas ao adotarem hábitos culturais nativos e não mais os considerarem como “maus”, dentre eles o próprio consumo da erva-mate, herança milenar transmitida de geração em geração com o chimarrão, ainda presente no cotidiano dos países da região platina.

A expansão e prosperidade econômica da Província Jesuítica do Paraguai, que adotava um sistema comunitário de divisão de bens, começou a despertar irritação entre os colonos espanhóis, que se sentiam prejudicados (pois os indígenas não poderiam mais ser utilizados como mão de obra escrava). Além disso, na Europa, as críticas à Igreja Católica fundamentadas pelos iluministas contribuíam para uma opinião pública negativa também contra os jesuítas, que eram acusados de exploradores ambiciosos e sedentos por riquezas. De fato, fora da Província, ocorria muita exploração do comércio pelo corpo eclesiástico católico, mas essa não era a realidade nas missões (Lugon, 1977).

Com inúmeros desgastes, a proteção tão reafirmada pela Coroa da Espanha acabou se mostrando uma traição quando esta firmou com a Coroa Lusitana o Tratado de Madri em 1750. O novo acordo limítrofe impunha o exílio das missões orientais do rio Uruguai, mas os habitantes deste território não aceitaram as condições impostas e resistiram (Silva, 2023). Em 1756, após três anos de conflitos, os exércitos guaranis foram massacrados. Em 1767, o rei Carlos III ordenou a expulsão dos jesuítas de todos os territórios espanhóis, inclusive nas colônias ultramarinas.

Uma carta escrita pelos caciques da Missão de São Luís em 1768, encaminhada ao governador, expressa o desejo da comunidade de que os padres permaneçam ali, pois desejam viver de acordo com seus ensinamentos. No documento, eles destacam que nunca foram escravos, nem seus antepassados, e afirmam: “[...] não nos agrada o modo de vida adotado pelos espanhóis, que olham apenas para si, sem ajudar ou favorecer os outros” (Couchonnal; Wilde, 2014, p. 29, tradução minha)². No entanto, tais pedidos foram ignorados, e assim foi decretada a sentença de morte à Província Jesuítica do Paraguai. Embora na contemporaneidade sejam levantadas muitas discussões acerca de aspectos do processo de transculturação ocasionado pelas missões, elas proporcionaram uma forma de proteção e resistência para os povos nativos.

Esses grupos viveram em comunidades autossuficientes que possuíam uma organização social estruturada, combinando elementos culturais de ambos os povos em contato, e preservando muitos aspectos da cultura guarani que nos foram legados até hoje. Tais missões simbolizam um exemplo de resiliência e capacidade de adaptação dos indígenas frente ao contexto de colonização imposto ao continente. De acordo com Neto (2012, p. 26), os guaranis foram os únicos indígenas que encontraram uma possibilidade de viver “[...] livres do jugo dos colonizadores. Dos Maias, Astecas e Incas só restam ruínas”.

A singularidade dessa experiência resultou em uma forma de sincretismo cultural. É interessante analisarmos as opiniões de importantes pensadores mundiais, inclusive do período iluminista, que não pouparam críticas aos membros da Companhia de Jesus, mas cederam espaço à admiração quando mencionaram a experiência na Província Jesuítica do Paraguai. Dentre eles, Raynal, Montesquieu, Buffon, D'Alembert e Voltaire, que destacou: “O estabelecimento dos jesuítas espanhóis no Paraguai mostra, em certo sentido, o triunfo da humanidade” (McNaspy, 1988, p. 9, tradução minha)³.

Atualmente, esse passado é preservado em sítios históricos e acervos museológicos, como o Sítio de São João Batista. Lá, encontram-se vestígios arqueológicos da redução jesuítica homônima, que fez parte dos Sete Povos das Missões no lado oriental do rio Uruguai, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Foi fundada pelo padre tirolês Anton Sepp von Rechegg (vulgo Antônio Sepp), a partir de uma divisão populacional da Missão de São Miguel Arcanjo em 1697. Com ele, migraram 750 famílias que se estabeleceram no sexto povoado fundado durante o segundo ciclo missioneiro (Sepp, 1980). Além de sua importância histórica, São João Batista foi um polo precursor na fundição de ferro e aço na América do Sul, destacando-se também na produção artística (Silva, 2020).

De acordo com Silva (2020, p. 150), esses lugares históricos abrigam um “raro exemplo de ação integrada entre colonizadores – jesuítas espanhóis – e indígenas”, durante um processo de colonização violento com os habitantes nativos e os africanos que foram escravizados. Por esses e outros motivos, em 1983, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu as missões de Santa María La Mayor, Nuestra Señora de Loreto, Santa Ana, San Ignacio Miní (Argentina) e São Miguel Arcanjo (Brasil) como Patrimônios Mundiais Culturais, compondo um sistema de bens transfronteiriços com o conjunto dos remanescentes desses povoados e que, posteriormente, em 1993, incorporou as missões de La Santíssima Trindade de Paraná e Jesús de Tavarangue no Paraguai (UNESCO, 2019).

O início do processo de salvaguarda dos sítios brasileiros deu-se com o tombamento dos remanescentes de São Miguel Arcanjo como Patrimônio Nacional, sob a inscrição nº 063 no Livro de Belas Artes em 1938 (Stello, 2005). Posteriormente, as ruínas de São João Batista, São Lourenço Mártir e São Nicolau, “que em um primeiro momento não haviam despertado o interesse de Lúcio Costa e de outros intelectuais” (Seixas, 2023, p. 250), também foram salvaguardadas como Patrimônios Nacionais no Livro Histórico em 1970. Desde 2009, os quatro sítios integram o Parque Histórico Nacional das Missões (IPHAN, 2023), administrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Equipamentos e processos

Para a realização deste ensaio visual, foram concebidas fotografias artísticas por meio de expedições fotográficas ao sítio histórico de São João Batista no Brasil, utilizando a câmera digital DSLR Nikon D750, no formato FX – *full frame* – 36 mm x 24 mm, sensor CMOS 24.3MP e processador EXPEED 4, juntamente com as seguintes lentes: telefoto AF-S VR Zoom – Nikkor 70-300mm f/4.5-5.6G ED VR, objetiva AF-S Nikkor 24-85mm f/3.5-4.5G ED VR e a objetiva fixa AF-S Nikkor 50mm f/1.4G. As imagens foram capturadas no formato RAW.

Após a captura, as imagens foram submetidas a uma curadoria, levando em consideração observações relacionadas a conexões, expressões e ângulos que estabeleceram um vínculo entre o criador e a criatura, fundamentado em dimensões técnicas, estéticas e subjetivas. Posteriormente, as imagens passaram pela etapa de pós-produção em laboratórios digitais utilizando os programas Adobe Photoshop Lightroom CC e Adobe Photoshop CC, uma vez que essa etapa se tornou um “fator essencial para a ‘pós-modernidade’ das imagens” (Kossov, 2020, p. 24).

Ensaio vivencial e poético

Naquela manhã mágica, adentrei o Sítio de São João Batista, escondido na zona rural de Entre-Ijuís/RS, um tesouro esquecido da minha terra. Logo, percebi sua aura singular, distinta de todos os sítios que já conheci. Minha visão foi arrebatada por um monumento majestoso, erigido no século passado por mãos hábeis, obra de Valentim Petrus Emmerich Stephan Von Adamovich, artista austríaco. Ali, em reverência, homenageava o padre Antônio Sepp, fundador desta redução.

Sepp, cujas palavras foram eternizadas nas páginas de um livro póstumo, *Viagem às Missões Jesuítas e trabalhos apostólicos*, publicado em 1980, descreve com minúcias a epopeia da construção de São João Batista em 1697. Nas páginas desse tesouro histórico-literário, desvendam-se os desafios, as descobertas e a promessa oculta na pedra Itacuru, fonte do ferro e aço que moldaram esta cidade abençoada. Aqui, a forja dos deuses ganhou vida e o fogo do alto-forno queimou em brasa, anunciando a grandeza da siderurgia sul-americana.

O monumento retrata também indígenas imersos na alquimia da fundição (Fig. 2), um testemunho de suas habilidades e dedicação. Sua imponência despertou em mim uma curiosidade encantada, permitindo-me vislumbrar um dia de trabalho na cidade que foi abandonada. Entre o pesado labor, havia também uma leveza, uma paz que se instalava, uma sinfonia de redenção após romper as algemas da escravidão. Ao meu redor, o abraço das árvores, outrora derrubadas para erguer o berço urbano, agora retomam seu espaço, como testemunhas silenciosas do tempo.

Eu fecho os olhos e me transporto para tempos passados, buscando captar os sons que ecoaram pelas ruas de São João. O riso infantil, os cânticos festivos, as competições e procissões. Marteladas de ferreiros que se dissipam na brisa suave, dando lugar a um silêncio sagrado, interrompido apenas pelo canto dos pássaros e o sussurro dos insetos. A antiga cidade resplandece em memórias adormecidas, e eu sou um viajante solitário, desvendando os segredos desse refúgio esquecido pela sociedade.

Foi também o padre Sepp quem trouxe inovações musicais às missões: o som de uma pequena harpa em mãos, ainda ecoa em terras paraguaias. Curiosamente, foi antes de erguer São João, que o referendo padre plantou sementes musicais na Redução de Yapeyu (Flores, 2013). Será que o som da harpa ressoa no vento, orquestrado pelo velho Sepp de um plano sublime? Talvez seja isso que conduz os corais incansáveis dos pássaros, entre árvores e arbustos da antiga redução. Notas celestiais, vozes do passado, suspiros mais sutis, se comparado aos corais guaranis, mas ainda assim, vibrantes.

Em múltiplas ocasiões me deparei com a escassez de saberes adquiridos ao longo de minha existência sobre as aves. É estonteante a arte que possuem de desvelar sua presença por meio de cantos melodiosos. Em incontáveis ocasiões, envolvi-me na busca pela origem de um som que ecoava entre os galhos, e, ao alcançar sucesso, maravilhei-me ao vislumbrar seres alados habilmente camuflados, desconhecidos tanto em forma quanto em melodia, como a misteriosa gralha-picaça (*Cyanocorax chrysops*) (Fig. 3).

Um par dessas criaturas entoava hinos e saltitava de árvore em árvore, seus olhos e partes das plumagens cintilando em um amarelo vibrante. Ocasionalmente, ocultavam-se na exuberância vegetal de um rincão pouco explorado no sítio. Talvez estivessem envoltas em um romance

secreto? Quem poderia dizer... Contudo, o verdadeiro apaixonado, naquele instante, certamente era eu. Experimentar tais momentos de descoberta como este em nossas jornadas é genuinamente fascinante.

Em uma das expedições solitárias, eu vagava cauteloso, com o tripé fotográfico batendo no solo para afugentar serpentes ocultas, pois sim, ainda não consigo amá-las. Foi então que, de surpresa, um estrondo retumbou de algo que se arrastava para longe. Até hoje desconheço a natureza daquilo, mas pela primeira vez que senti verdadeiramente medo e um frio profundo no estômago, uma vez que tal evento me fez refletir sobre os perigos de adentrar um domínio selvagem. E se um acidente ocorresse? E se um animal me atacasse?

A vida natural é esplêndida, mas não fomos ensinados a perceber a beleza da selvageria. Aprendemos somente que o contato nem sempre é amistoso aos intrusos, e, em determinados momentos, senti-me exatamente como tal: um absoluto intruso. Um profanador de território sagrado. Essa experiência revelou-me que cada instante vivido nesses lugares transcende a mera coleta de informações em campo, pois ali residem memórias e segredos não desvendados.

Ao direcionar meu olhar em busca desses segredos, estabeleci conexão com um quero-quero (*Vanellus chilensis*) (Fig. 4). Notei sua atenta observação, talvez preocupado ou temeroso com a invasão. À medida que me aproximava e trocava a objetiva, ele se ergueu sobre uma rocha esculpida, como sentinela numa torre de vigília. Decidi avançar ainda mais, rastejando pelo solo, e assim o fiz. A cada movimento, ele inclinava a cabeça, como se questionasse: “O que busca essa criatura?”. No entanto, ele sabia que eu procurava apenas a captura de sua icônica figura, posicionada cinematograficamente para minha lente guia.

Fiquei ali, fotografando-o por quase uma hora, tempo suficiente para que ele não se importasse mais com minha presença. Acomodou-se sobre a rocha, deleitando-se com a agradável atmosfera daquele dia, e, deste modo, firmamos uma improvável amizade. Pois bem, foi assim a cada passo, através de vislumbre fugaz, meu olhar traduz, a poesia silenciosa que habita na luz. Instantes congelados de um universo em mutação, capturados pela lente mágica da câmera, e dela uma constatação: a vida passa rápido, então se apaixone e veja o mundo também, com uma lupa de mão.

Assim, percebi pequeninas biojoias, como um dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) (Fig. 5), uma essência tão frágil que quase se dissolvia na magnificência da natureza. Um pensamento alado, uma florzinha a dançar. Mas num instante, vislumbrei o brilho, o reflexo cristalino que não espe-
lhava a mim, mas a imagem de todos que por ali passaram. Talvez abrigasse um segredo? Decidi deter-me e contemplar, respirar e sentir, finalmente capturar! Pequenas pérolas de orvalho, na tranquila manhã primaveril, revelavam um universo de pureza, repleto de minúcias e peculiari-
dades, a cada sutil movimento da câmera que eternizava essa essência.

O efeito de desfoque encanta-me com sua ilusão, porque não desvia a atenção, mas convida a refletir sobre o visível e o invisível na imagem, revelando texturas veladas e aquelas ressaltadas. Por vezes, não se faz necessário, pois um diafragma mais fechado pode revelar elementos transpas-
santes, como os raios solares cintilantes que perfuram a timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*) (Fig. 6), imponente, talvez semente ancestral de uma árvore missioneira de séculos passados, quando de sua madeira construíam canoas, guias vitais nas correntezas dos rios que uniam a nação, fluíam com bravura, formando uma linda canção.

Ao tocar a árvore, sinto a grandiosidade dessa habilidade perpetuada por gerações, em que a natu-
reza era mãe provedora, a emprestar elementos para a subsistência, uma conexão profunda, uma eterna sinfonia de emoções. Por entre os galhos e folhas sinto a intensidade do Sol, que beijava meu rosto como um grão de areia no leito do rio Uruguai, onde suas águas puras fluíam, livres de dejetos e agrotóxicos, como narradas pelo padre Sepp (1980, p. 139, grifo meu): “[...] *límpidas como cristal*, águas amavelmente murmurejantes, que quanto à salubridade sobrepuja de longe a todas as fontes argênteas e poços europeus”.

Permaneci ali, mergulhado na contemplação das ramificações e das flores que teimosamente buscavam subir (Fig. 7), lutando com a vegetação no solo, ansiosas por emergir das sombras da imponente árvore e alcançar o domínio da luz, ainda emanada pela mesma estrela que marcou tantos verões ardentes, com seus raios incandescentes sobre os tetos das famílias guaranis. A este Sol, meu fiel cúmplice nas criações fotográficas, expresso minha gratidão profunda. Sua luz intensa projeta sombras escuras, acentuadas por minha intervenção, sem dúvida.

A dualidade entre luminosidade e obscuridade é particularmente pertinente neste contexto. A presença ou ausência de informação visual é intencional, nem sempre racional, mas frequentemente emocional. Assim, posso destacar com maior precisão os detalhes, como as distintas texturas de uma escultura talhada na rocha, parcialmente envolta por fungos de matizes variados (Fig. 8), que parecem conferir uma nova paleta de cores à criação que um dia foi pintada, afinal, muitas das obras artísticas eram recobertas pelas mais variadas tinturas, muitas delas apagadas e perdidas no tempo das agruras.

A fusão de vestígios do passado remoto e a exuberância biológica se entrelaçam em harmonia serena. Contemplo os saltos ágeis do sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*) (Fig. 9) entre árvore e rocha, e ao acompanhar seu canto diverso, estabeleço uma nova conexão. Deixo-me guiar pelo sentido auditivo enquanto sou cativado visualmente, imerso na simultaneidade do presente-passado-presente. Neste lugar repleto de presenças, vazios e imaginários incessantes, uma ave tão pequena personifica a fragilidade e a força do povo que outrora aqui habitou. Ela é uma composição sonora e visual de um espetáculo há muito negligenciado, porém, nunca esquecido ou desvalorizado. A história e a vida ainda pulsam, e em suas veias fluem memórias carregadas de dias gloriosos.



Figura 2. Fundição. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.

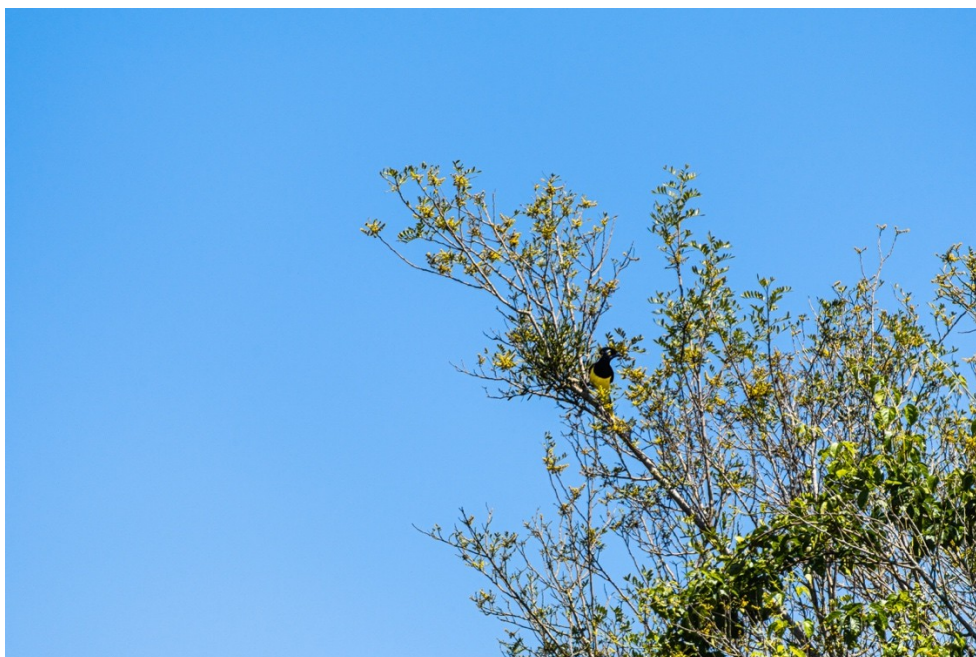


Figura 3. A camuflagem. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.



Figura 4. Destinos fundidos. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.



Figura 5. Estrelas de orvalho. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.



Figura 6. Árvore de canoas. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019.



Figura 7. Flores do campo. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.



Figura 8. Traços de arte. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2018.



Figura 9. O sabiá-do-campo. Fonte: Acervo pessoal do autor, 2022.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. **Plano urbano da Missão de São João Batista**. 1756.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COUCHONNAL, Ana; WILDE, Guillermo. de la política de la lengua a la lengua de la política. cartas guaraníes en la transición de la colonia a la era independiente. **Corpus**, v. 4, n. 1, p. 1-31, 30 jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/corpusarchivos.774>.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Edusp, 2019.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 10. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.

GUTIÉRREZ, Ramón. As Missões Jesuíticas como espaço para o desenvolvimento social e cultural. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Missões jesuíticas patrimônio da humanidade**: celebrando a Convenção da UNESCO – 1972-2012. Brasília: Iphan, 2013. p. 104-124.

IPHAN. **Parque Histórico Nacional das Missões - RS**. Brasília, 2023. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/766/#:~:text=O%20Parque%20Histórico%20Nacional%20das,de%20São%20João%20Batista%20>. Acesso em: 13 abr. 2024.

JACKSON, Robert H.; CAMACHO, Juan Antonio Siller. **A Visual Catalog of Jesuit Missions in Spanish America**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2021.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

LUGON, Clovis. **A República “Comunista” Cristã dos Guaranis: 1610-1768**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

McNASPY, Clement James. **Las ciudades perdidas del Paraguay: arte y arquitectura de las Reducciones Jesuíticas 1607-1767**. Tradução de T. Rodríguez Miranda. Fotografias de J. M. Blanch. Asunción: Editora Litocolor, 1988.

NETO, Miranda. **A utopia possível: Missões Jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico**. Brasília, DF: Funag, 2012. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/952-Utopia_do_possivel_A.pdf. Acesso em: 19 out. 2022.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata**. Bauru: Edusc, 2000.

SCHALLENBERGER, Ernelo. **A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá**. 2. ed. Cascavel: Edunioeste, 2016.

SEIXAS, Ana Luisa Jeanty de. **Uma longa caminhada: tensionamentos no campo patrimonial – a emergência dos Guaraní Mbyá na Tava/Sítio de São Miguel Arcanjo, Missões, Rio Grande do Sul**. 2023. 337 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SEPP, Antônio. **Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Tradução de A. Raymundo Schneider. São Paulo: Itatiaia, 1980.

SILVA, Bruno de Oliveira da. As Missões Jesuíticas Guaranis sob o olhar fotográfico. In: PUGLIERI, Thiago Sevilhano *et al.* (org). **Estudos Interdisciplinares em Patrimônio Jesuítico-Guarani**. Pelotas: Editora UFPel, 2020. p. 146-160.

SILVA, Bruno de Oliveira da. **(Re)significações de visualidades em fotografia artística: um a/r/tógrafo viajante nas Missões Jesuíticas Guaranis**. 2023. 380 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade, Universidade do Vale do Itajaí – Univali, Balneário Camboriú, 2023.

STELLO, Vladimir Fernando. **Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo: avaliação conceitual das intervenções 1925-1927 e 1938-1940**. 2005. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

UNESCO. **Jesuit Missions of La Santísima Trinidad de Paraná and Jesús de Tavarangue**. 2019. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/648>. Acesso em: 15 jan. 2019.



Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

NOTAS

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 No original: “Además, tenemos que decirte que nosotros no somos en modo alguno esclavos, ni lo fueron nuestros antepasados; ni es de nuestro gusto el modo de vivir parecido al de los españoles, que miran cada uno solamente por sí, sin ayudarse ni favorecerse unos a otros”.

3 No original: “El asentamiento de los jesuitas españoles en Paraguay, muestra, en cierto sentido, él solo, el triunfo de la humanidad”.